

As matrizes epistemológicas da produção do conhecimento

BELADELLI, Ediana M. Noatto¹; OLIVEIRA, Franciele Thaís de²; BECK, Eliane M. C.³.

¹ Mestre em Educação, UNIOESTE. Docente no Ensino Superior – UESPAR, Palotina/PR. Professora e Pedagoga da Educação Básica - SEED.

² Mestre em Educação Matemática, UNESP/Rio Claro. Docente na Educação Básica – Ensino Fundamental e Médio – em Rede Privada.

³ Doutora em Letras, UNIOESTE. Coordenadora do Curso de Artes Visuais – UESPAR, Palotina/PR.

RESUMO: No processo de compreensão, apropriação e produção do conhecimento é importante refletir sobre as bases epistemológicas que o constitui no decorrer da história para se ter clareza de seu sentido e significado social. Este estudo tem por objetivo discorrer sobre as três grandes matrizes epistemológicas ocidentais: o positivismo, a fenomenologia e o materialismo histórico dialético, apresentando considerações sobre o desenvolvimento histórico e suas concepções sobre sociedade, conhecimento, sujeito e a sua relação com o objeto. Apresentam-se considerações sobre epistemologia, ciência e método, considerando ser relevante o entendimento desses conceitos para compreender o próprio conhecimento. Fomenta-se que cada matriz epistemológica possui especificidades significativas e relevantes para o processo de produção do conhecimento, sendo todas de fundamental importância para a ciência, pois tomam o homem como base da problematização e investigam, compreendem e respondem as indagações sobre o objeto de estudo de acordo com suas características metodológicas.

Palavras-chave: Epistemologia. Conhecimento. Positivismo. Fenomenologia. Materialismo Histórico Dialético.

The Epistemological Matrices of the Production of the Knowledge

ABSTRACT: In the process of understanding, appropriation and production of the knowledge is important reflect on the epistemological bases that constitute the course of

¹ E-mail: edianabeladelli@hotmail.com.

² E-mail: francieleoliveira@hotmail.com

³ E-mail: eliane.c.b@uol.com.br

history to be clear about its meaning and social significance. This study aims to discuss the three major Western epistemological matrices: positivism, phenomenology and dialectical historical materialism, presenting considerations of the historical development and his conceptions on society, knowledge, subject and its relationship to the object. It presents considerations of epistemology, science and method, considering it relevant the understanding of these concepts to understand the knowledge itself. Foment that each epistemological matrix has specificities significant and relevant to the process of knowledge production, being all of fundamental importance to science, because they take man as the basis to questioning and investigate, understand and answer the questions about the object of study according to their methodological characteristics.

Keywords: Epistemology. Knowledge. Positivism. Phenomenology. Dialectical Materialism History.

INTRODUÇÃO

O conhecimento é tema de evidentes discussões no contexto educacional, pois se constitui como base do próprio processo educativo, enquanto elemento que o fundamenta. Para tanto é significativo entender o que é conhecimento assim como o que é ciência, visto que os métodos de pesquisa visam a sua produção de acordo com suas especificidades e características metodológicas.

O homem cria intelectualmente representações significativas da realidade e essas representações são chamadas de conhecimento (KOCHE, 1997), que “é a compreensão/explicação sintética produzida pelo sujeito por meio de um esforço metodológico de análise dos elementos da realidade, desvendando a sua lógica, tornando-a inteligível”. (LUCKSI; PASSOS, 2004, p.17). Nesse sentido, entende-se que conhecimento corresponde em síntese a um processo de entendimento e explicação da realidade.

A partir dessa compreensão, o conhecimento como fonte de explicação da realidade assim como do próprio homem é elemento da ciência que por inerência é constituída por métodos. Dessa forma, não há como falar em conhecimento sem entender como se constrói o processo que o torna elemento de explicação da realidade, considerando os diferentes caminhos que possibilitam sua construção, que no nível de senso comum se conhece por métodos.

Independente do conceito de conhecimento que se considera, é consenso a associação desse com o conceito de ciência, tendo em vista que “o substantivo ciência provém do verbo *sciere*, que significa saber”. (MORIN, 2007, p.17). O saber na perspectiva do autor corresponde a um conhecimento mais amplo que o da ciência ou da episteme, combinando vários tipos de conhecimentos, teórico, prático ou experimental. Para Morin, (2007), o termo episteme, alude a um tipo de saber que pressupõe que se tenha certa ideia da realidade, “é uma forma de saber e de alcançar a verdade diferente do conhecimento sensível, mas em conexão com os sentidos ou as experiências”. (MORIN, 2007, p.24).

O autor evidenciado, afirma que a denominação apareceu na época de Sócrates e seu desenvolvimento continuou com Platão e Aristóteles. Referindo-se à consciência epistemológica, a terminologia pré-socrática já faz distinção, entre conhecimento ou saber racional e saber espontâneo. Platão dá à episteme um senso técnico, que se opõe ao relativismo, ao ceticismo e ao subjetivismo. Aristóteles concebe episteme como uma forma de saber e um meio de alcançar a verdade diferente do conhecimento sensível. O saber procura demonstrar a estrutura interna das coisas. Para Aristóteles, a episteme não é dialética, mas um método antes de investigação do que de demonstração. Nesse sentido, a ciência é entendida como forma de saber que valoriza o universal, que esta ligada à estabilidade do objeto que lhes traz segurança e certeza. (MORIN, 2007).

“Etimologicamente, ciência significa conhecimento. Não há dúvida, porém, quanto à inadequação desta definição, considerando-se o atual estágio de desenvolvimento da ciência”. (GIL, 2008, p. 21). Na perspectiva do autor, a ciência pode ser considerada como uma forma de conhecimento que tem por objetivo formular, mediante linguagem rigorosa e apropriada leis que regem os fenômenos podendo ser caracterizada como uma forma de conhecimento objetivo, racional, sistemático, geral, verificável e falível.

Considerando as diferentes formas de entendimento de episteme como extensão e sinônimo de ciência, é relevante considerar que é fundamental pensar sobre o conhecimento e suas formas de construção de maneira reflexiva, pois existem maneiras diferentes de se ver, analisar e explicar um objeto, e é nessas diferenças que a ciência

avança, demonstrando que a possibilidade de evolução é ilimitada pela própria natureza humana.

A forma como o conhecimento é produzido se fundamenta no método que constituirá a verdade como resultado ou resposta ao que se busca, se procura, se pesquisa. Pode-se assim, “definir método como caminho para se chegar a determinado fim e método científico como o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento”. (GIL, 2008, p.27).

A causa principal que leva o homem a produzir ciência é a tentativa de elaborar respostas e soluções as suas dúvidas e problemas que o levem a compreensão de si e do mundo em que vive. (KOCHE, 1997). Segundo o autor, o motivo básico da investigação que conduz a humanidade está na sua curiosidade intelectual, na sua necessidade de compreender o mundo em que está inserido e de compreender a si mesmo. Cada método constitui-se em uma forma de buscar respostas a indagações que são motivadas pelo desejo de conhecer e saber mais acerca de tudo o que mobiliza a curiosidade humana.

A ciência tem como objetivo fundamental chegar à veracidade dos fatos. Neste sentido não se distingue de outras formas de conhecimento. O que torna, porém, conhecimento científico distinto dos demais é que tem como característica fundamental a sua verificabilidade. (GIL, 2008, p.27).

Nesse sentido, para que um conhecimento possa ser considerado científico, torna-se necessário identificar as operações mentais e técnicas que possibilitam a sua verificação, ou seja, determinar o método que possibilitou chegar a esse conhecimento. E cada método a ser escolhido dependerá da própria problematização e de seus objetivos, além do próprio pesquisador e de seus anseios de investigação. É indispensável, porém que exista coerência metodológica na pesquisa assim como clareza das especificidades de cada método para que o resultado possa ser verificável dentro dos princípios da ciência na perspectiva apresentada neste estudo.

Diante do exposto, este artigo discorrerá, a partir de levantamento bibliográfico, sobre as matrizes epistemológicas do positivismo, da fenomenologia e do materialismo histórico dialético, expondo o contexto histórico, as concepções de sociedade,

conhecimento e sujeito e apresentando as principais características metodológicas que constituem cada matriz.

1 POSITIVISMO

O termo positivismo provém da palavra positivo para o qual Comte atribui cinco acepções. A primeira designa o real em oposição ao quimérico. A segunda refere-se ao positivo como um estado útil ao invés de ocioso. A terceira é a defesa de que a filosofia positiva deve guiar o ser humano para a certeza. A quarta deve elevar o ser humano ao preciso, eliminando o vago. A quinta acepção do vocabulário positivo aparece como contrária a negativo. Assim, a filosofia tem por objetivo não destruir, mas organizar. (TRIVINOS, 2006).

O positivismo é uma das matrizes epistemológicas que não nasceu de maneira espontânea no século XIX com Augusto Comte, pois suas raízes são encontradas no empirismo, já na antiguidade. Trivinos (2006) afirma que as bases concretas e sistematizadas do positivismo estão nos séculos XVI, XVII e XVIII, com Bacon, Hobbes e Hume de maneira mais especial. Como corrente da ciência moderna, entende-se que se originou no século XVIII e se consolidou de fato no século XIX por meio do pensamento sistematizado de Augusto Comte, cujo principal esforço foi o de propor uma compreensão dos fenômenos por meio de um método de investigação que seguisse a mesma exatidão e o mesmo rigor com que os fenômenos naturais eram observados e descritos. Isso firmava uma das características do positivismo, que via a sociedade, tal qual o mundo natural, como um espaço a ser regido por leis naturais, invariáveis, independentes da ação e da vontade dos indivíduos.

No positivismo, a sociedade é concebida como um organismo composto por partes diferentes e interdependentes. A existência saudável desta sociedade depende da integração entre as partes e do desempenho da função específica de cada uma das mesmas sendo necessário assegurar integração e desempenho de função, proporcionando um padrão de saúde social pelo consenso. Por esse viés, seria possível a evolução da sociedade pelo progresso, caso contrário ocorreria à desintegração social. O sujeito é unilateral, determinado pela própria sociedade e pelas

leis que a constituem, passivo as determinações da natureza. Quando não existe controle, a sociedade pode sofrer de anomia social, que seria o caos e a desintegração, como afirma Durkheim. (MEKSENAS, 2010). Nesse sentido, a sociedade é regulada por leis naturais que independem da vontade e da ação humana, ou seja, a sociedade não pode ser transformada e o conhecimento não pode ser questionado. (SOBRINHO, 2007).

O papel da ciência positivista pode ser sintetizado como um modo de observar e descrever, sob neutralidade e objetividade científica, estas leis de forma que os homens pudessem agir de acordo com elas. Sobrinho (2007) afirma que a neutralidade científica do positivismo se traduz pelo fato de o historiador ter de assumir uma postura passiva e contemplativa, não podendo emitir juízo de valor, ideologias ou visões de mundo.

A visão positivista acreditava que o conhecimento estava embasado nos sentidos. Não admite verdades a priori e entende que nós só podemos ter, com as coisas, relações prováveis e susceptíveis de serem confirmadas. Considerando que para essa concepção, a observação deve ser o único critério de verdade, a regra fundamental consiste em Jamais introduzir entidades não observáveis nas deduções científicas, a não ser como intermediárias de cálculos devendo desaparecer no momento da conclusão. (LUCKSI; PASSOS, 2004, p.58-59).

Dessa forma, o fundamental no método positivista centra-se na objetividade e neutralidade científica, concebendo o conhecimento como algo absoluto, definitivo, livre de todo fator subjetivo e comprovado pelos fatos isolados de certeza e precisão. Para o positivismo não interessa as causas dos fenômenos, porque isso não é positivo e nem tarefa da ciência, “o conhecimento objetivo do dado, alheio a qualquer traço de subjetividade, eliminou qualquer perspectiva de colocar a busca científica ao serviço das necessidades humanas, para resolver problemas práticos”. (TRIVINOS, 2006.p.36).

Cabe a ciência nesse sentido, estudar os fatos para conhecê-los de modo absolutamente desinteressado, com neutralidade. Isso significa dizer que a intervenção do sujeito sob o objeto é nula, que esse último é o que é pela observação sem relações subjetivas do sujeito que observa. O sujeito apenas verifica o que são as coisas sem se preocupar com os sentidos e significados subjetivos da descoberta. Essa ideia de neutralidade é um dos pontos considerados frágeis do positivismo, combatido pelas demais matrizes epistemológicas.

Um dos traços mais característicos do positivismo está

representado por sua rejeição ao conhecimento metafísico, á metafísica. Para alguns esta peculiaridade é o que melhor define a filosofia positiva comtiana. Por isso, o cepticismo metafísico se conhece também como positivismo. Devemos limitar-nos ao positivamente dado, aos fatos imediatos da experiência, fugindo de toda especulação metafísica. Só há um conhecimento e um saber, aquele que é próprio das ciências especiais, mas não um conhecimento e um saber filosófico-metafísico. (TRIVINOS, 2006, p.37).

Além disso, o positivismo não aceita outra realidade que não sejam os fatos, fatos esses que possam ser observados. Suas afirmações estão representadas pela ideia de unidade metodológica, na qual os elementos principais do processo de quantificação dos fatos esta no emprego do termo variável. A partir dessa constatação, a valoração das técnicas, dados estatísticos e os estudos experimentais foram sendo utilizados de forma severa para responder as questões de pesquisa.

Para os positivistas, existiam apenas dois tipos de conhecimentos, “autênticos, verdadeiros e legítimos, numa palavra: o científico: o mais empírico representado pelos achados das ciências naturais, o mais importante de ambos; e o lógico, constituído pela lógica e pela matemática”. (TRIVINOS, 2006, p.39). Essa visão reforça a ideia de que o conhecimento científico é a única forma de conhecimento, fomentando a objetividade como elemento fundamental da ciência.

A partir das considerações apresentadas, firma-se a ideia de que o positivismo é uma matriz epistemológica que tem suas especificidades no campo da ciência assim como suas limitações e contribuições, pois é uma maneira de entender e responder aos anseios do homem e da sociedade em um determinado tempo e espaço. Cabe a cada pesquisador entender essas especificidades para que possa melhor utilizar o método positivista em prol de um objetivo específico, possível de ser atingido por esse caminho e pelas concepções que o norteiam.

2 FENOMENOLOGIA

O termo Fenomenologia é de origem grega, *Phainomai*, que significa o que aparece, o fenômeno. (LUCKSI; PASSOS, 2004). Essa compreensão é reafirmada

também por Bicudo (1999), quando diz que Fenomenologia é uma palavra composta. Origina-se da palavra *phainomenon*, a qual é derivada do verbo grego *Phainestai*, que significa o que se manifesta, o que aparece, se mostra, e pela palavra *Logos*, que tem como significados o que reúne, unifica. Para Trivinos (2006, p. 43), “a fenomenologia é o estudo das essências e todos os problemas, segundo ela, tornam a definir essências”. Martins (1992) também apresenta o conceito de Fenomenologia como o estudo das essências, afirmando que é pela existência que se chegará à essência. O importante é perceber o homem como existência, como um ser intimamente pessoal.

De acordo com Lucksi e Passos (2004), “a concepção fenomenológica é considerada uma das grandes correntes filosóficas da contemporaneidade que teve relevante influência na Europa e também na América”. (LUCKSI; PASSOS, 2004, p. 224). Considerado como um método, um instrumento de construção do conhecimento, os autores afirmam que a fenomenologia surgiu no final do século XIX e início do XX, para fazer frente ao momento de crise cultural e espiritual que vivia a Europa nos referidos períodos.

A característica mais acentuada da fenomenologia centra-se na compreensão de ser uma Filosofia da Consciência, a qual se identifica com a intencionalidade que se volta para o fenômeno, “se instaura como uma filosofia da consciência, no sentido de ser um pensar radical a esse respeito.” (BICUDO, 1999, p. 14).

De acordo com Bicudo (1999), a consciência não é dependente, pois é entendida como sendo um todo absoluto, é movimento, é intencionalidade. Nessa perspectiva é importante atentar sobre as diferenças entre a atitude natural e a atitude fenomenológica. “Na primeira, a coisa está posta e existe em si, o objeto é tido como natural e a priori. Na segunda, a coisa é intuída, percebida, assim só existe correlata à consciência, que é um voltar-se para”. (KLUBER; BURAK, 2008, p. 1). Por decorrência, a ‘verdade’ na primeira atitude é uma adequação a teorias e pressupostos e, na segunda, é uma verdade esclarecedora, interpretada do fenômeno que se mostra ao inquiridor que o percebe. Dessa forma se reafirma a ideia de que a “consciência é intencionalidade, que o objeto é sempre intencional e o mundo é correlato da consciência”. (KLUBER; BURAK, 2008).

Referindo-se à intencionalidade, é relevante considerar que “ao se falar em intencionalidade da consciência deve-se tornar claro que esta direcionalidade refere-se ao mundo, a consciência está tencionada para o mundo, um mundo que ela não envolve ou possui, mas para o qual esta sempre voltada”. (MARTINS, 1992, p. 62).

A intencionalidade que fundamenta a fenomenologia oferece uma visão específica do conhecimento e da realidade. “O sujeito e o objeto não são separados, antes estão unidos ontologicamente – cada um com sua ontologia, pois o ser é sempre ser-no-mundo”. (KLUBER; BURAK, 2008, p. 2). De acordo com os autores, a dicotomia entre sujeito e objeto é superada na existência, que é anterior à abstração, a qualquer conhecimento elaborado. O sujeito tem a experiência imediata do mundo que se dá como presença.

A partir dessas afirmativas, entende-se que o sujeito para a fenomenologia é sujeito no mundo, e que traz consigo representações de suas vivências as quais constituem suas intersubjetividades, que o identifica como ser individual sem negar a base social que o constitui.

De acordo com Martins (1992), o trabalho do fenomenólogo, após realizar o epoché (colocar em suspensão o fenômeno), consistirá em descrever precisamente o fenômeno, procurando abstrair-se de qualquer hipótese, pressuposto ou teoria. Nesse sentido, a fenomenologia se apresenta como um método coerente para se investigar a percepção do sujeito, de sua vivência, sem síntese, mas dialeticamente, considerando que a percepção esta no sujeito e se faz necessário entender como ela ocorre. Parte da problematização tendo como meio de apropriação de informações sobre o objeto o processo de ouvir e relatar as percepções de mundo dos sujeitos.

Os passos fenomenológicos, segundo Martins (1992), correspondem à descrição (primeiro momento no qual está envolvida a percepção, a consciência e o sujeito), redução (momento que seleciona e determina as partes da descrição consideradas essenciais ou não) e a compreensão fenomenológica (momento no qual ocorre a tentativa de especificar o significado que é essencial na descrição e na redução, como uma forma de investigação da experiência). Os passos, assim entendidos desse método, conseguem fazer com que o pesquisador possa ao final do processo de

investigação “organizar uma síntese das unidades significativas, que é resultado das análises dos vários sujeitos da pesquisa”. (MARTINS, 1992, p.60).

Essa síntese tem caráter específico de descrição do que foi relatado pelos sujeitos a partir de suas percepções e significados provindos de suas experiências, vivências e representações do mundo que é percebido por cada sujeito. “O mundo é aquilo que nós percebemos; não sendo aquilo que eu penso, mas o que eu vivo. Estando abertos para o mundo, estaremos em comunicação com ele, mas não o possuiremos, pois este mundo é infinito”. (MARTINS, 1992, p.61).

O primeiro aspecto do enfoque para conhecer o mundo esta em ir à coisa mesmo, e isso quer dizer focalizar, situar o que desejo conhecer no mundo. O próprio mundo pode ser situado diante de meu olhar como se fosse um foco a ser conhecido. Não é, pois, uma relação homem-mundo, mas uma dialética sem síntese: o homem se situa no mundo, um mundo que se oculta e se doa à percepção (MARTINS, 1992, p.55).

Compreende-se assim que é também característica da fenomenologia, de maneira significativa, exaltar “a interpretação do mundo que surge intencionalmente à nossa consciência, por isso na pesquisa, eleva o ator, com suas percepções dos fenômenos”. (TRIVINOS, 2006.p.46). Assim, “fenomenologia parte do princípio de que não existe realidade sem sujeito, nem sujeito sem realidade”. (LUCKESI; PASSOS, 2004, p.224). Os homens, nessa perspectiva, apreendem a realidade pelo sentido, pela sua essência. A essência não está fora do fenômeno e sim nele próprio, o que a torna igual a ele, pois ela se difere no sentido de não ser pura concreticidade, nem ser um contingente. Segundo os referidos autores, é ela quem define o fenômeno, dando o seu sentido real, de modo que não se confunda com nenhum outro.

A fenomenologia como método, tem por finalidade fazer se constituir com rigorosidade e capacidade de dar respostas claras e definitivas a problemas do conhecimento, “a fim de ultrapassar a postura ingênua do conhecimento que percebe apenas os objetos e passar a entendê-los como entes que só existem para o sujeito pensante”. (LUCKESI; PASSOS, 2004, p. 226). Os autores afirmam ainda que a metodologia husserliana apresenta-se como uma volta ao concreto, a realidade das coisas como uma busca da cientificidade para captar o fenômeno e sua essência. A

finalidade do método consiste na descrição do fenômeno em si, tal como ele se apresenta, sem reduzi-lo a algo que não aparece.

O mundo vivido pelo sujeito é objeto de estudo evidenciado pela fenomenologia. Dessa forma, a realidade não é tida como algo objetivo capaz de ser explicada como um conhecimento que privilegia explicações em termos de causa e efeito. “A realidade é entendida como o que emerge da intencionalidade da consciência voltada para o fenômeno. A realidade é o compreendido, o interpretado, o comunicado. Não há, pois, para a fenomenologia, uma realidade única”. (BICUDO, 1994, p.18).

A partir desse pressuposto, o pesquisador que desejar realizar seu estudo considerando o método fenomenológico, terá que ter clareza sobre as características que constituem a pesquisa por esse caminho.

A pesquisa fenomenológica parte do cotidiano, da compreensão do modo de viver das pessoas, e não de definições e conceitos, como ocorre nas pesquisas desenvolvidas segundo a abordagem positivista. Assim, a pesquisa desenvolvida sob o enfoque fenomenológico procura resgatar os significados atribuídos pelos sujeitos ao objeto que está sendo estudado. As técnicas de pesquisa mais utilizadas são, portanto, de natureza qualitativa e não estruturada. (GIL, 2008, p.340).

Sendo assim, os resultados obtidos ou as respostas de suas indagações serão descrições do modo como os sujeitos vivem e percebem o mundo, com seus significados e subjetividades ou intersubjetividades. Compreende-se que esse método apresenta formas de entendimento sobre o processo de produção do conhecimento que valorizam o mundo que é vivido e percebido pelo sujeito, com suas representações, isso se constitui em um jeito de entender como o homem se apropria do próprio mundo e de si mesmo nesse mundo.

Considera-se relevante entender o método fenomenológico, pois esse apresenta considerações relevantes ao processo de compreensão do ser humano, do conhecimento e de como o processo de entendimento desses elementos são apresentados.

3 MATERIALISMO HISTÓRICO DIALÉTICO

Considerando a rapidez das transformações históricas no decorrer do século XIX, a sociedade passa a ter exigências de um novo olhar para sua história e seu processo de desenvolvimento. Sua forma de ver e analisar os fatos sociais e históricos precisava de novas interpretações frente à realidade do contexto, assim “na década de 1840, Karl Marx e Friedrich Engels sistematizaram um olhar crítico-reflexivo sobre a História. Com base no método dialético, formularam uma explicação histórica: o materialismo histórico”. (SOBRINHO, 2007, p.12).

Para Gil (2008), o materialismo histórico fundamenta-se no método dialético, e a produção e o intercâmbio de seus produtos constituem a base de toda a ordem social. “As causas últimas de todas as modificações sociais e das subversões políticas devem ser procuradas não na cabeça dos homens, mas na transformação dos modos de produção e de seus intercâmbios”. (GIL, 2008, p.41).

Na perspectiva do referido autor, para Marx e Engels, a estrutura econômica (ou infraestrutura) é a base sobre a qual se ergue uma superestrutura jurídica e política, à qual correspondem determinadas formas de consciência social ou ideológica. Nesse sentido, o modo de produção da vida material é, portanto, o que determina o processo social, político e espiritual. Ressalta-se, entretanto, que essa “relação infraestrutura/superestrutura deve ser entendida dialeticamente, não é uma relação mecânica nem imediata, mas se constitui como um todo orgânico, cujo determinante é, em última instância, a estrutura econômica”. (GIL, 2008, p.42).

Na produção social da sua existência, os homens estabelecem relações determinadas, necessárias, independentemente a sua vontade. Essas relações de produção correspondem a certo grau de evolução das suas forças produtivas materiais. O conjunto de tais relações forma a estrutura econômica da sociedade, o fundamento real sobre o qual se levanta um edifício jurídico e político, e ao qual respondem formas determinadas da consciência social. O modo de produção da vida material domina em geral o desenvolvimento da vida social, política e intelectual. Não é a consciência dos homens que determina sua existência, mas ao contrário, é sua existência social que determina a sua consciência. (SOBRINHO, 2007, p.13).

Gil (2008) e Sobrinho (2007) evidenciam a ideia de que o homem é um ser social e histórico, compreendido nas múltiplas relações que estabelece com o contexto da sociedade, a qual é estruturada sobre bases históricas, políticas, sociais e culturais que influenciam a forma de ser, pensar e agir no mundo.

O homem não é um ser pronto e acabado, mas um ser em processo de construção, o qual é formado e se forma enquanto sujeito. Nesse sentido, para entender o homem é preciso entender o processo histórico social que o constitui considerando todos os elementos que compõem esse processo e o movimento dialético que o permeia.

O conceito de dialética, para o entendimento dessa matriz epistemológica, parte dos pressupostos de Frigoto (2001), que demarca a dialética materialista histórica como “a ruptura entre a ciência da história ou do humano social e as análises metafísicas de diferentes matrizes e níveis de compreensão do real, que vão do empirismo ao positivismo, idealismo, materialismo vulgar e estruturalismo”. (FRIGOTO, 2001, p. 72). Sob o olhar desse autor, a dialética para ser materialista e histórica não pode se constituir como uma doutrina ou uma espécie de suma teológica, “tem que dar conta da totalidade, do específico, do singular e do particular. Isso implica dizer que as categorias da totalidade, contradição, mediação, alienação não são apriorísticas, mas construídas historicamente”. (FRIGOTO, 2001, p.73). Essas considerações constituem-se em marcos característicos do método materialista histórico dialético, como pilar de sustentação de todas as discussões sob essa visão.

A dialética nesse contexto situa-se no plano da realidade histórica, em forma de trama de relações contraditórias e conflituosas de leis de construção, desenvolvimento e transformações dos fatos, tendo por desafio do pensamento, cujo campo de movimento é o plano abstrato e teórico, trazer para o plano do conhecimento essa dialética do real. (FRIGOTO, 2001). As ideias a partir dessa afirmação é o concreto pensado, refletido e articulado as dimensões da totalidade que constitui a realidade.

Frigoto (2001, p. 75) afirma que “a concepção materialista fundamenta-se no imperativo do modo humano de produção social da existência”. Não se naturalizam as coisas e nem o homem em si, pois esse é sujeito da história, faz parte dela e de seu processo de construção. Não existe neutralidade para o materialismo histórico dialético, tudo está relacionado às concepções que, social e historicamente, são construídas e apropriadas, assim como as condições dadas ou não aos sujeitos. O mundo é constituído de totalidade sendo necessário pensar nele na totalidade. As partes constituem o todo como o todo constitui as partes. (FRIGOTO, 2001).

Sob esse entendimento, o homem é um ser que faz história, que pode se apropriar dela e de si mesmo pelo processo de apropriação do conhecimento da realidade. Essa apropriação, na perspectiva materialista, não apresenta a crítica pela crítica como sendo o fundamental, “mas a crítica e o conhecimento crítico para uma prática que altere e transforme a realidade anterior ao plano do conhecimento e no plano histórico-social”. (FRIGOTO, 2001, p. 81). O conhecimento é uma produção humana, histórica e social que humaniza, num processo de práxis, que efetivamente se dá na e pela práxis, que expressa a unidade indissolúvel entre teoria e prática, na qual a reflexão existe e tem por finalidade a ação de transformação. (FRIGOTO, 2001).

Quando um pesquisador tem como quadro de referência o materialismo histórico, a dimensão histórica dos processos sociais passa a ser enfatizada e é, “a partir da identificação do modo de produção em determinada sociedade e de sua relação com as superestruturas (políticas, jurídicas etc.), que ele procede à interpretação dos fenômenos observados”. (GIL, 2008, p.42).

O método materialista histórico dialético parte de um todo caótico do fenômeno a fim de se chegar à essência pelo caminho do inferior ao superior, do externo ao interno, do evidente para o desconhecido, do aparente para o fundamental e do simples para o complexo. (GASPARIN; BARROS, 2009). Sua finalidade consiste na investigação como forma para compreender a realidade histórica social. “O trabalho, as relações sociais de produção constituem-se em categorias básicas que definem o homem concreto, histórico, os modos de produção da existência, o pressuposto do conhecimento e o princípio educativo por excelência”. (FRIGOTO, 2001, p.82).

O método materialista histórico dialético busca responder uma indagação de investigação partindo do concreto, do real, resgatando criticamente a produção teórica ou do conhecimento sobre a problemática em foco. Feito isso, define-se o método de organização para a análise e exposição explicitando as categorias de interesse. Em seguida é realizada a análise dos dados estabelecendo-se conexões, mediações e contradições dos fatos que constituem a problemática em evidência. Nessa fase é necessário dar conta das categorias fundamentais do fenômeno investigado. Por fim busca-se a síntese da investigação que resulta de uma elaboração como uma

exposição orgânica, coerente, concisa das múltiplas determinações, considerando a práxis como elemento inerente a esse processo. (FRIGOTO, 2001).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção do conhecimento corresponde a um processo complexo que necessita de caminhos para seu desenvolvimento. As matrizes ou métodos correspondem a caminhos, que são definidos de acordo com o propósito do pesquisador e sua curiosidade intelectual, assim como pela sua forma de entender e conceber a ciência e o processo de produção do conhecimento. Todo caminho parte de um ponto de referência em busca de um outro ponto que aparentemente é ou não desconhecido pelo investigador. O importante é considerar que se faz necessário o entendimento desses caminhos, pois eles responderão, com suas especificidades, a problematização da pesquisa. Para que essas respostas tenham veracidade científica é fundamental ter clareza sobre o método que a direcionou, que a tornou processo de apropriação e construção do conhecimento, pois é ele que, de certa forma, irá caracterizar as compreensões do pesquisador, seu olhar será reflexo do método de investigação que ele percorreu no caminho da sua produção.

O positivismo, a fenomenologia e o materialismo histórico dialético, são matrizes epistemológicas significativas no processo de produção do conhecimento, pois representam caminhos com características particulares. Essas particularidades que constituem cada matriz representam os elementos que a tornam formas de explicação dos fenômenos, a partir de suas concepções de homem, mundo, sujeito, conhecimento e sociedade. Cada matriz responde, de sua maneira, pelo seu olhar de investigação, questionamentos que permeiam a vida humana. O que todas as matrizes possuem em comum é o desejo de explicar o problema que atravessa a vida do homem em suas diferentes formas de entendimento. O objeto ou o fenômeno em si constitui-se no próprio homem e em tudo o que o rodeia. O que se difere é como esse homem e o que ele vive é investigado, analisado, observado, explicado por cada matriz. E é exatamente aí que se centra a importância primeira dessas matrizes, pois cada qual com sua

especificidade e característica dá a ciência mais condições para entender o ser humano em sua totalidade considerando a complexidade desta.

Abaixo, apresenta-se um quadro síntese a fim de ressaltar as principais ideias das três matrizes curriculares, bem como os aspectos que as diferenciam.

QUADRO 1 – SÍNTESE DAS MATRIZES EPISTEMOLÓGICAS

	Positivismo	Fenomenologia	Materialismo Histórico Dialético
Concepção de Sociedade	Um organismo composto por partes diferentes e independentes regida por leis naturais e invariáveis, independente da ação e da vontade dos indivíduos.	Possui sentidos e significados para cada sujeito, é a representação do mundo do sujeito, constituída de subjetividades/ intersubjetividades.	Construída historicamente pelo conjunto dos homens. É constituída por homens e mulheres que fazem história pelas condições que lhes são dadas via processo histórico.
Concepção de Sujeito	Determinado pela natureza e pelas leis naturais. É unilateral.	É sujeito no mundo; possui intersubjetividades/ subjetividades; percepções do mundo que vivencia.	É inserido na sociedade, como ser histórico e social que é influenciado e capaz de influenciar a realidade/ transformar. É resultado de suas múltiplas relações sociais e históricas.
Concepção de Conhecimento	É retificado e transformado num mundo objetivo de coisas. O conhecimento científico é a única forma de conhecimento. Estado teológico, metafísico e positivo. Embasado nos sentidos. Constrói-se pela observação. Caracteriza-se pela objetividade e neutralidade.	Não é tomado como reflexo imediato do objeto, mas, sim como construído na relação estabelecida entre sujeito e objeto.	Produção humana, histórica/ social. Produzido na e pela práxis.
Relação Sujeito e Objeto	O objeto é superior ao sujeito que é submisso as leis da natureza.	Não são separados; estão unidos ontologicamente. Não existe sujeito sem realidade e nem realidade sem sujeito.	Relacionam-se entre si de maneira recíproca; é necessário compreender as múltiplas relações que o permeiam;
Caraterísticas marcantes	<ul style="list-style-type: none"> - Consiste na observação dos fenômenos, subordinando à imaginação a observação; - Rejeição ao conhecimento metafísico, à metafísica; - Consuma o divórcio entre a Filosofia e a Teologia; - Coloca o pensamento reflexivo a serviço das ciências naturais para o progresso científico; - Registra minuciosamente os objetos de estudo, descreve os fatos com precisão; - Valorização de métodos, técnicas e variáveis ao processo de pesquisa. 	<ul style="list-style-type: none"> - Procura olhar o fenômeno em sua totalidade, sem preconceitos, hipóteses ou quadro de referencia teórico prévio; - O fenômeno é olhado primeiramente como ele se apresenta no mundo; - Trata de descrever e não explicar o fenômeno sem uma síntese de forma específica; - Busca compreender o fenômeno interrogado; - A finalidade esta em descrever a realidade tal como ela é vivida e percebida pelo sujeito; o mundo vivido pelo sujeito. 	<ul style="list-style-type: none"> - Método de interpretação da realidade concreta; - Considera as categorias da totalidade, contradição, mediação e alienação; - Compreende que a realidade não é singular, mas coletivamente constituída e construída; - Considera o histórico e o social no processo de compreensão da realidade/ seus múltiplos elementos; - Entende a práxis como forma de produção do conhecimento; - Apresenta síntese considerando o movimento dialético constante; - A dialética é elemento inerente ao processo de desenvolvimento do método; - Compreender e intervir sobre a realidade é finalidade constituinte do método; - O trabalho e sua relação são categorias evidenciadas.

Fonte: Autoras, 2018.

O respeito a cada método de pesquisa é fundamental para a ciência, pois esse é o passo inicial no processo de compreensão do conhecimento como produção humana. Conhecer é o primeiro passo para estabelecer análises, críticas e defesas, pois cada tempo e espaço têm necessidades próprias de produzir determinados saberes.

Entende-se, que “o ser humano é muito mais complexo do que todas as teorias que procuram explicá-lo”. (POLETTI e DOBBS, 2010, p.8). Nessa perspectiva, evidencia-se a necessidade de entender a complexidade humana assim como da ciência e do conhecimento, reconhecendo a importância das matrizes epistemológicas desenvolvidas no decorrer da história. Cada qual com sua especificidade procuram responder as necessidades do próprio homem e da sociedade na qual ele esta inserido.

REFERÊNCIAS

BICUDO, M. A. V. Contribuição da fenomenologia à Educação. In: BICUDO, M.A. V.; CAPPELLETTI, I. F. (orgs). **Fenomenologia: uma visão abrangente da educação**. São Paulo: Olho d'Água, 1999.

FRIGOTO, Gaudêncio. Capítulo 6. **O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 2001.

GASPARIN, João Luiz; BARROS, Marta Silene Ferreira. Texto: **O método dialético na pesquisa científica em Educação**. Maringá; Eduem, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KOCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e prática da pesquisa**. 19 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

KLUBER, Tiago Emanuel; BURAK, Dionísio. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, PR, v. 3, n. 1, p. 95 - 99, jan.-jun. 2008.

LUCKSI, Cipriano Carlos; PASSOS, Elisabete Silva. **Introdução á Filosofia: aprendendo a pensar**. 5ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MARTINS, Joel. **Um enfoque fenomenológico do currículo**: educação como poésis. Organização do texto Vitória Helena Cunha Espósito. São Paulo: Cortez, 1992.

MEKSENAS, Paulo. **Sociologia da Educação**: Introdução ao estudo da escola no processo de transformação social. 14ed. São Paulo: Loyola, 2010.

MORIN, André. **Saber, ciência e ação**. Tradução Michel Thiollent. São Paulo: Cortez, 2007.

POLETTI, Rosette; DOBBS, Bárbara. **A resiliência**; a arte de dar a volta por cima. Tradução de Stephania Matousek. 2ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SOBRINHO, Antonio Fávero. **Educação e ciências sociais**. Brasília: Universidade de Brasília, 2007. Disponível em: <http://www.fe.unb.br/graduacao/online/modulos-ped-ead-acre/modulo-2/educacao-e-ciencias-sociais>. Acesso em: 10 de agosto, 2013.

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução á pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2006.